

RESENHA DO LIVRO “EU E TU” DE MARTIN BUBER

Rodrigo Bandeira de Oliveira e Silva¹

Monalisa Maria Lauro²

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. Tradução: Newton Aquiles Von Zuben. 10. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

Martin Mordechai Buber (1878-1965) foi um intelectual nascido em Viena. Sua infância e sua adolescência foram marcadas pelo estudo do judaísmo e da filosofia, temas que ocupavam suas investigações intelectuais e que marcaram sua existência. Diversas foram as ascendências que inspiraram a obra deste autor, dentre as quais podem ser destacadas o Hassidismo (movimento de renovação da mística judaica, originado na Polônia, no século XVIII) e filósofos insígnies como Immanuel Kant e Friedrich Nietzsche (Zuben, 2001).

Uma marca relevante — e distintiva — do pensamento de Buber é a indissociação entre *logos* e *práxis*; a reflexão deve estar, na perspectiva desse pensador, inextricavelmente relacionada à experiência vivida. Zuben (2001, p.7-8), descrevendo as características das concepções intelectuais do autor, afirma que “[...] pensamento e reflexão assinaram um pacto indestrutível com a práxis. [...] A fonte de seu pensamento é a sua vida; sua existência é a manifestação concreta de suas convicções”

Notoriamente, definir Martin Buber é uma tarefa complexa. Apesar da dificuldade de circunscrever o intelectual — seria ele primeiramente um filósofo ou um teólogo? —, fato é que suas contribuições foram importantes para ramos distintos das ciências humanas, como a filosofia, a psicologia, a educação e a teologia. Zuben (2001) elucida que *Eu e Tu*, sua mais difundida obra, contém o eixo central do pensamento buberiano. Pode-se dizer que a compreensão deste livro é chave para entender, inclusive, as demais obras do autor.

¹ Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: rodrigobandeiraos08@gmail.com

² Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e docente do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: monalisalauro@uniacademia.edu.br

Eu e Tu é um texto clássico do pensamento ocidental, ocupando lugar de destaque na filosofia da existência. Publicado no Brasil, anteriormente, pela Editora Cortez & Moraes, atualmente o livro é produzido pela Centauro. O exemplar utilizado para a realização da resenha (10ª edição) conta com uma introdução que contextualiza o autor e o seu pensamento, realizada por Newton Aquiles Von Zuben, estudioso da obra buberiana. *Eu e Tu* é dividido em três partes distintas, cujos temas serão apresentados para, depois, serem aprofundados ao discutir o livro.

Na primeira parte, Martin Buber revela alguns termos fundamentais da obra, introduzindo os seus conceitos principais e apresentando as distintas formas de interagir com o mundo. Na segunda, Buber reflete sobre a história e a evolução das sociedades humanas, afirmando que tal evolução se caracteriza pela ampliação de uma forma objetificante de lidar com a realidade; com isso, há o revés da hipotrofia da autêntica relação, que deve ser cultivada. Por sua vez, a terceira parte apresenta a noção de que as relações autênticas que o sujeito estabelece são vias que convergem para o que o autor denomina como Tu eterno. O Tu eterno recebe distintas denominações: as representações de Deus, nas diferentes culturas, são formas de apreender (e vivenciar) o que tal construto representa. Este aspecto será melhor compreendido ao abordar o que é Deus na perspectiva de Buber.

Como ponto de partida, pode-se introduzir a ideia precípua do livro: a de que existem duas atitudes centrais a partir das quais o ser humano interage com o mundo. Ambas são conceitualizadas em duas palavras-princípio³: 'Eu-Tu' e 'Eu-Isso'.

A palavra-princípio 'Eu-Isso' se refere à aproximação com o mundo de forma objetificante. O Isso é, portanto, um objeto a ser classificado, utilizado, experimentado, compreendido. Assim, o outro é sempre percebido de forma parcial: não há a possibilidade de apreensão deste em sua totalidade. Nesse tipo de interação, o sujeito utiliza o Isso como um meio para um fim. A classificação de um objeto se dá com uma intenção, a utilização do objeto ocorre para alcançar uma outra coisa. A palavra-princípio 'Eu-Isso' instaura, conforme Buber, o mundo da *experiência*.

'Eu-Tu', por outro lado, é a relação em sua essência pura. Refere-se à interação em que o sujeito (Eu) não toma o outro (Tu) como um meio para atingir um fim; a relação estabelecida é, em si, a finalidade. Nesse tipo de interação, o Tu não pode ser

³ Na terminologia de Buber, as palavras-princípio são categorias a partir das quais o ser humano instaura um modo de existir no mundo. Elas são proferidas pelo sujeito, e, com isso, ele se apresenta na existência de uma ou de outra forma.

apreendido senão na totalidade de seu ser. O Eu percebe o Tu de forma integral. É na presença da relação que o indivíduo vivencia o sentido e a reciprocidade; é esta a forma de interação existencialmente transformadora. A palavra-princípio 'Eu-Tu' representa o mundo da *relação*.

Existem três dimensões em que a relação se realiza: a vida com a natureza, com os homens e com os seres espirituais. É possível ter essa vivência, portanto, na contemplação da natureza e na vida recíproca com ela, na relação com outros seres humanos a partir do amor e nas experiências do divino, qualquer que seja a terminologia utilizada para definir este "divino". Deve-se atentar para o fato de que a relação 'Eu-Tu' não é algo que se produz intencionalmente ou que se antecipa; sendo um evento, ela simplesmente acontece. O que o ser humano pode — e deve — fazer é abrir-se ativamente para a entrada na relação, quando esta ocorrer.

A respeito da terceira dimensão descrita, é importante entender o que é Deus na ótica buberiana. Para Martin Buber, o ser humano contempla Deus no mundo e a partir do mundo, por meio de sua experiência concreta. Por meio de suas ações e relações. Não existe separação entre o mundo sensível e o plano metafísico; pelo contrário, é na existência que, concretamente, o ser humano experiencia o divino, a partir da relação 'Eu-Tu'. Buber tem uma compreensão tão ampla sobre Deus que defende a validade de todas as religiões em suas diferentes formulações do divino, e defende, inclusive, que também quem não acredita em Deus tem vivências deste caráter, em uma autêntica e genuína relação, sempre que profere a palavra-princípio e vivencia a presença do 'Eu-Tu'.

É importante compreender que 'Eu-Tu' e 'Eu-Isso' não podem ser interpretados em uma valoração qualitativa em que aquele é "bom" e este é "ruim". O mundo da experiência constitui a existência humana; a classificação e a fragmentação da realidade são, por exemplo, pressupostos do conhecimento científico. Mesmo na vida prática, em muitos momentos é necessário tomar as coisas como objetos para atingir uma finalidade. O 'Eu-Isso' é parte indissociável da vida humana. Por outro lado, uma vida que seja *apenas* experiência — apenas classificação, utilização, objetificação — não é uma vida experimentada em toda a sua potencialidade. Daí a relevância fundamental da palavra-princípio 'Eu-Tu': apenas com ela se pode vivenciar os potenciais subjetivos da vida autêntica e genuína. A existência humana saudável se definiria, portanto, a partir de uma alternância entre as dimensões da experiência e da relação, entre os reinos do 'Eu-Isso' e do 'Eu-Tu'.

Como explicitado anteriormente, o pensamento de Buber — que tem como eixo central as reflexões apresentadas em *Eu e Tu* — influenciou distintas áreas das humanidades. Na psicologia, não foi diferente. Importantes nomes da psicologia foram influenciados ou dialogaram com o pensamento buberiano, como é o caso de Viktor Frankl (1905-1997), fundador da Logoterapia e Análise Existencial, e de Carl Rogers (1902-1987), fundador da Abordagem Centrada na Pessoa⁴. De modo geral, as principais e mais dignas de nota influências nessa área dizem respeito à necessidade de olhar para o ser em sua totalidade e à postura que possibilitará isso.

Neste ponto, coloca-se o fato de que a teoria de Martin Buber preconiza uma apreensão da existência humana de uma forma total, não recortada. Do mesmo modo, define a classificação do que se apresenta como uma postura objetificante. E, na psicoterapia, não é diferente. O terapeuta não deve estar atento a um aspecto psíquico do consultante, ou mesmo preocupado em classificar a sua experiência com este ou aquele termo técnico. Diferentemente, deve ter uma postura de abertura para acessar a forma particular como se dá a dinâmica existencial do consultante em sua totalidade. Se, de forma distinta, o consultante for tomado como um objeto, como alguém a ser classificado e definido, ou então moldado, perde-se a possibilidade de um diálogo autêntico em que ocorre uma mudança significativa e genuína da experiência vivencial.

Ainda, é útil trazer à discussão a questão da ética da alteridade — uma formulação de ética baseada nas contribuições do pensador austríaco. Martin Buber fundamenta a sua perspectiva ética, precisamente, a partir da percepção de que o ser humano é, ontologicamente, orientado para a relação (Araújo, 2014). A sua proposta se fundamenta na noção da abertura interior do homem para a vivência do seu caminho particular. Buber se opõe a uma ética universal como nos termos do imperativo categórico kantiano; e diferentemente, compreende a atitude ética como algo particular. Conforme Araújo (2014, p. 107), a postura ética, em Buber, é entendida

⁴ A influência de Martin Buber em Viktor Frankl é endereçada em distintas obras deste autor, dentre as quais pode-se citar ***O sofrimento humano: fundamentos antropológicos da psicoterapia***. Também merece destaque o livro ***Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo***, em que Frankl aborda a perspectiva dialógica buberiana de forma crítica. Por sua vez, um profícuo diálogo entre Buber e Carl Rogers, ocorrido em 1957, na Universidade de Michigan, pode ser apreciado na obra ***The Martin Buber-Carl Rogers Dialogue: A New Transcript With Commentary***. Enfim, a célebre obra ***Tornar-se Pessoa***, de Carl Rogers, alude ao pensamento de Buber em distintos momentos.

em termos de “[...] uma resposta singular ao caminho que nos é próprio frente às situações da vida”⁵.

Pode-se, portanto, entender que a psicoterapia não é apenas ocasião para a emergência de uma relação transformadora, de um encontro existencial entre terapeuta e consultante. A clínica é, também, o espaço onde este pode atingir maior clareza sobre a sua travessia particular na existência: um espaço para elaborar *respostas* para as *situações* de sua vivência concreta. Em suma, pode-se entender, de forma profícua, a ética clínica em termos de uma ética da alteridade. Este fato é mais uma razão para o clássico *Eu e Tu* ser lido e debatido nos cursos de Psicologia, para além da observável influência, supracitada, que tal obra teve nas teorias de autores de destaque da área em questão.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Willamis. **Ética e alteridade**: uma leitura a partir da filosofia de Martin Buber e suas implicações para a compreensão do outro. 141f. Tese (Mestrado em Filosofia) — Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/10849>>. Acesso em: 10 nov. 2023.

ANDERSON, R; CISSNA, K. N. (Org.). **The Martin Buber-Carl Rogers dialogue**: A new transcript with commentary. Nova Iorque: Suny Press, 1997.

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. Tradução: Newton Aquiles Von Zuben. 10. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

FRANKL, Viktor. **Um sentido para a vida**: psicoterapia e humanismo. Aparecida: Ideias & Letras, 2005.

FRANKL, Viktor. **O sofrimento humano**: fundamentos antropológicos da psicoterapia. São Paulo: É Realizações, 2019.

FRANKL, Viktor. **A vontade de sentido**: fundamentos e aplicações da logoterapia. São Paulo: Paulus, 2011.

ROGERS, Carl. **Tornar-se pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

⁵ É interessante observar a proximidade desta perspectiva com as reflexões de Viktor Frankl sobre o sentido na vida. Em **A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia**, Frankl expõe que o sentido, em circunstâncias concretas, consistiria em encontrar “[...] a resposta certa para as perguntas [...]” que as situações da existência nos colocam (Frankl, 2011, p. 81). Encontrar essas respostas, tal como na proposição buberiana, faria parte de um processo absolutamente pessoal, haja vista que “o sentido é relativo na medida em que se relaciona a uma pessoa específica, que está enredada numa situação específica” (Frankl, 2011, p. 72).

ZUBEN, Newton. Introdução. In: BUBER, Martin. **Eu e Tu**. Tradução: Newton Aquiles Von Zuben. 10. ed. São Paulo: Centauro, 2001. p. 7-49.